



A DESTITUIÇÃO DA DIRECÇÃO-GERAL SOCIAL-FASCISTA.

DECLARAÇÃO DA ORGANIZAÇÃO
DA FREP EM COIMBRA.

A direcção social-fascista que desde o 25 de Abril burocraticamente controlava a A. C. foi destituída. Isto prova que a grande maioria dos estudantes odeia o social-fascismo e ama a Liberdade e a Democracia, estando disposta a lutar por esses objectivos da Revolução Democrática e Popular e não permite que as suas organizações democráticas façam parte do aparelho de Estado, reduzindo-se a simples correias de transmissão da política do M. "EC", da Junta e do Governo Provisório.

Com o 25 de Abril, os defensores da política dos monopólios e do imperialismo para o Ensino, que é a Reforma "Geral e Democrática" — os reformistas da "UEC" — lançaram um ataque em grande escala contra as Associações de massas dos estudantes e, aproveitando-se das ilusões criadas em certos sectores das massas relativamente à natureza e aos objectivos do golpe militar, conseguiram uma posição de hegemonia no movimento estudantil. Dos postos para onde se alancaronaram, lançaram os mais perversos ataques e as mais vis ca línias contra as massas estudantis em luta. A defesa intransigente da política da Junta, e do Governo Provisório, era o conteúdo desses ataques e calúnias. Os estudantes revolucionários e as massas em luta estavam, segundo eles, ao serviço da CIA, etc..

Mas a vida encarregou-se de ir provando a natureza reaccionária do reformismo, e os seus objectivos ocultos foram aparecendo com clareza mediana aos olhos de sectores, dia a dia crescentes das massas.

A sociedade portuguesa atravessa uma profunda crise e nenhuma reforma, nem nenhum golpe militar podera salvá-la. Só a Revolução Democrática e Popular levada a cabo por todos os sectores anti-monopolistas e anti-imperialistas do Povo português, dirigido pelo proletariado revolucionário poderá criar a sociedade nova onde as justas aspirações das massas populares ao Pão, a Paz, a Terra, a Liberdade, a Democracia e a Independência Nacional podem ser satisfeitas. O golpe militar de 25 de Abril é uma primeira tentativa de salvar o capitalismo português dessa crise profunda e o seu programa, o programa do M. "EC", contém o conjunto de reivindicações susceptíveis de unir a totalidade da burguesia exploradora. Todavia esse programa tem sido rejeitado pela vida, e em vez de salvar o capitalismo em crise, o que se verifica é o aprofundar constante dessa crise.

O que hoje assistimos é a preparação de uma crise mais profunda, que tem as suas manifestações primeiras na vaga generalizada de despedimentos e na impossibilidade para a burguesia, de pôr a funcionar a escola.

A escola não está desligada do resto da sociedade, faz parte dela e reflecte as lutas que no seio dela se travam. Os estudantes, não são nenhuma classe social, nem nenhuma camada social, não estão inseridos no processo de produção de bens materiais. Todavia as lutas que no conjunto da sociedade se travam têm expressão muito nítida entre nós. Cada partido, cada classe procura conquistar os estudantes para a sua política, procura mostrar que o seu programa é aquele que satisfaz as justas aspirações das massas estudantis. Os estudantes, mais cedo ou mais tarde, terão de escolher entre o partido e o programa da classe se operária para a actual fase da Revolução ou o programa da burguesia, dos exploradores.

Neste momento, de norte a sul do país assiste-se ao rejeitar por parte das massas es

tudantis do programa dos monopólios e do imperialismo para o ensino que, cozinhado nos "EC" pelos partidos da coligação governamental é aplicada e defendida nas escolas pela "UEC". O isolamento do reformismo na sua versão tradicional, que é corrente de transmissão da política do partido reformista de Barreirinhas Cunha, representa a compreensão por parte dos estudantes que têm de lutar contra a Junta e o Governo Provisório e que estes não são mais do que os executores da política de exploração do povo trabalhador.

O toque de clarim deste movimento foi o "serviço cívico". Ao rejeitarem a sua transformação em fura-greves, em auxílios do capitalismo em crise, os estudantes lutam contra a Junta e o Governo Provisório, autores dessa medida odiada e encontram pela frente um obstáculo ao desenvolvimento da sua luta: a "UEC-UNEP" defensora daquela política. A primeira tarefa é portanto deitar abaixo a "UEC-UNEP", condição essencial ao prosseguimento da luta. Eis o que se está a verificar por todo o país --- expulsão dos conciliadores, dos traidores, das Associações estudantis.

Os estudantes estão neste momento na primeira linha do combate ao reformismo, ao social-fascismo. Isso é possível pelo facto de serem os estudantes o sector mais sensível da população e por ser o que em primeiro lugar reflecte o agudizar das contradições de classe. A história ensina-nos que por vezes os estudantes entram na luta mesmo antes dos outros sectores do Povo. Aquilo que hoje se verifica nas escolas, ir-se-á verificar, mais cedo ou mais tarde no resto da sociedade.

Dos diversos agrupamentos sociais, os estudantes são aqueles onde a organização política e a luta política está mais avançada, sendo que o grau de consciência política é mais avançado em Lisboa do que em qualquer outro ponto do país.

Ao destituírem a direcção social-fascista, os estudantes de Coimbra enquadraram-se neste processo mais geral que por todo o lado varre o social-fascismo do seu movimento democrático. A destituição da direcção-geral foi possível graças a uma luta persistente travada desde há meses a esta parte e a frente de cuja condução todos os estudantes honestos reconhecerem, estiveram sempre os Comités Híbrido Santos. Nela desempenharam uma actuação positiva outros estudantes anti-reformistas, sendo todavia claro o comportamento oportunista dos núcleos sindicais.

O oportunismo dos núcleos sindicais não é de hoje nem de ontem. A sua linha política é contra-revolucionária e está no essencial em conformidade com a linha defendida pela direcção-geral. A sua activação caracteriza-se por mudanças de posição política com a maior desfaçatez como a menina burguesa muda de roupa todos os dias. No sabon dos tempos, os núcleos ora aliam-se com o reformismo no combate aos revolucionários, ora combatem a direcção-geral para passarem aos olhos dos estudantes como revolucionários.

Como os clássicos reformistas, defendem o cadavérico sindicalismo estudantil, como os clássicos reformistas, defendem os não menos cadavéricos princípios do L.H. e do ponto de vista da luta mais geral dos estudantes o seu estreito pedagogismo encerra-os nos limites da escola, tal como os economistas pretendiam encerrar os operários nos muros da sua fábrica e do seu "quotidiano" cingento.

No que se refere à organização da luta estudantil nas faculdades, nos cursos e nas aulas, a burocracia que eles pretendem criar é ainda mais opressiva e atrofiante do que aquela que a DG devota tinha no Brasil; quanto a utilização do aparelho técnico da AUK, a proposta que eles apresentaram foi aceite integralmente pelos reformistas da DG, etc., etc.

Durante todo o processo várias vezes tentaram salvar a DG e mesmo na última AM, na votação da mesa, o seu carácter de pupisculo oportunista apareceu claro quando propuseram uma mesa contra a mesa votada na Assembleia permanente que durante a noite funcionara no CTH, dividindo assim os estudantes na sua luta contra o reformismo. Perguntamos apenas onde estiveram os núcleos sindicais quando os estudantes progressistas durante a noite ocuparam a AUK, informaram toda a imprensa, fizeram chegar o eco da sua luta a todo o país, promoveram a mais ampla convocatória da AM do dia 11? Acaso seria provável a AM do dia 11 se não se tivesse votado a derrota da DG na AM do dia anterior? Por tudo isto os estudantes revolucionários não accitam qualquer unidade com os núcleos sindicais.

Todavia a nossa actuação, por alguns erros cometidos na forma de conduzir a A.M., não ficou clara aos olhos dos estudantes. Por isso julgamos necessário explicar os nossos objectivos e a nossa tática.

O nosso objectivo primeiro neste momento consistia em expulsar da A.A.C. o social-fascismo e em entregar a A.A. as massas estudantis, marcando imediatamente um prazo para a realização de eleições onde os estudantes então escolheriam uma direcção que fosse de sua confiança. A frente da Associação ficaria uma direcção provisória para garantir que todos os estudantes que quisessem expor os seus pontos de vista não teriam qualquer controle burocrático, vinculada a um conjunto de princípios programáticos, votados em A.M. Era esse o teor da ordem de trabalhos proposta. Não pretendíamos controlar despoticamente a A.A.. Traçamos uma política nas primeiras A.M.. Todos os ecléticos e filisteus nos consideravam doidos, ajoelhando-se a quatro patas. Pusemo-la em prática, defendemo-la até ao fim. Demitida a DG, estamos dispostos a participar numa direcção provisória que concubitará a unidade de todos aqueles que tinham lutado contra a DG, desde o primeiro momento, que nunca capitularam, única garantia de esmagar o contra-ataque que os reformistas, reunidos em Lisboa, em comício com papá Cunhal, e sob a presidência do bem conhecido delator Pera dos Reis, prepararam. Essa tentativa foi malograda pela recusa de alguns estudantes que se obstinavam em defender a permanência dos núcleos sindicais.

Na A.M. do dia 11, o nosso ponto de vista não foi claramente expresso e por isso os oportunistas conluídos, reformistas demitidos e neo-reformistas, aproveitaram para nos apelidar de sectários, etc.. O facto de termos apresentado uma lista, cujo objectivo não era mais do que mostrar aos estudantes que a partir de agora surgia uma nova etapa da luta, deu pretextos aos nossos inimigos.

A nossa actuação não foi correcta. Competia às massas estudantis a escolha dos seus candidatos, aqueles que tinham sabido exprimir melhor os seus sentimentos e as suas aspirações. A nossa actuação não favoreceu essa escolha. O facto de grande número de estudantes nem ter votado, mostra que as massas não se sentiram identificadas com aquela votação e que não estão de acordo com ela. Se compararmos o apoio massivo que teve a Comissão composta por três elementos, eleita na A.M. do dia 10, e a votação da direcção provisória, é suficiente para vermos que alguma coisa não correu bem e que os estudantes se sentiram defraudados.

Os estudantes têm porém de rapidamente escolher entre o programa da classe operária e unirem-se ao Povo na luta pelo Pão, Paz, Terra, Liberdade, Democracia e Independência Nacional, e o programa das diversas facções da burguesia mais ou menos radicais. Nas sociedades de hoje nenhuma transformação profunda pode ser operada sem que todos os revolucionários se unam numa frente única, sob a direcção da única classe consequentemente revolucionária da sociedade — o proletariado industrial.

Esta é uma questão essencial também para o triunfo da nossa luta. A escola nova a que aspiramos, que esteja ao serviço do Progresso social, das amplas massas de operários e camponeses, jamais poderá ser constituída sem a Revolução violenta que transformará a sociedade, em todos os seus aspectos e domínios. E para que os estudantes entrem decididamente no caminho da Revolução têm de combater intransigentemente todos os oportunistas, que têm de comum o facto de rejeitarem a sua submissão a direcção da classe operária.

ORGANIZAÇÃO DA
FREP EM COIMBRA

Coimbra, 15 de Dezembro de 1974